

UMA REFLEXÃO DINÂMICA ENTRE CULTURA, MÚSICA E EDUCAÇÃO

Milca Maria Cavalcanti de Paula, UPE¹

Waldênia Leão de Carvalho, UPE²

Resumo: Compreendemos que a música é uma experiência universal e por tanto extremamente diversificada e por isso importante na educação. O presente artigo constitui-se como um recorte da pesquisa da dissertação do curso de Mestrado Profissional em Educação (UPE). O texto a seguir apresenta reflexões acerca da prática musical culturalmente diversificada vivenciada na Escola Don Vieira (localizada em Nazaré da Mata) *locus* da pesquisa. Dialogamos com os teóricos Duarte (2010) e Carl Orff (1982). Os resultados apontam para a reflexão que o ensino da música deve partir da vivência do aluno e promover o diálogo com a diversidade cultural. Sugerimos ações concretas nas dimensões: da gestão; de infraestrutura; da prática pedagógica.

Palavras chaves: Educação; Cultura; Educação musical; Lei 11.769/2008

Abstract: We understand that music is a universal experience and therefore extremely diverse and so important in education. This article is constituted as a clipping of course dissertation research Professional Master of Education (UPE) . The following text presents reflections on the culturally diverse musical practices experienced in the School Don Vieira (located in Nazaré da Mata) locus of research. We dialogued with the theoretical Duarte (2010) and Carl Orff (1982) . The results point to the reflection that music education should start from the experience of the student and promote dialogue with cultural diversity. We suggest concrete actions in the dimensions : management; infrastructure; pedagogical practice .

Keywords: Education; Culture; Musical Education; Law 11.769/2008.

INTRODUÇÃO

O presente artigo constitui-se como um recorte de pesquisa da dissertação do mestrado, o mesmo apresenta reflexões acerca da prática musical culturalmente

1. Milca Maria C. de Paula é Mestranda em educação, (Bolsista FACEPE). Universidade de Pernambuco (UPE), Dep. de Educação, Atua como professora de música (STPN), Autora do livro: Orquestra Nordestina (incentivado pelo FUNCULTURA edital (2014/2015). E-mail: milcanti@hotmail.com

2. Valdênia Leão de Carvalho é Doutora em educação, professora adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE), Atua como professora do programa de Pós-graduação no Mestrado Profissional em educação (UPE), e atua no Grupo de pesquisa educação, educação de jovens e adultos e linguagem. E-mail: waldenialeao@gmail.com.

diversificada vivenciada na Escola de Referência no Ensino Médio Don Vieira (localizada em Nazaré da Mata) *lócus* da pesquisa.

A pesquisa de abordagem qualitativa teve como metodologia a pesquisa-ação, que, segundo Thiollent, tem a intenção de buscar a solução de um problema e permite estudar dinamicamente os conflitos, situações problemáticas, buscar ações e tomadas de decisão (THIOLLENT, 2011). A escolha da metodologia da pesquisa ação se deu pela exigência do programa de mestrado que vê nesta metodologia

...uma estratégia metodológica da pesquisa social aplicada. Um tipo de pesquisa com base empírica e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação e do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Nesta pesquisa-ação os sujeitos envolvidos na ação cooperativa e participativa foram 35 alunos do 1^a ano B juntamente com a professora de artes, da escola Don Vieira. A pesquisa contou com a formação destes alunos para compor o grupo focal. O tratamento dos dados coletados durante a pesquisa através de observação simples e grupo focal, foi feito de acordo com a análise da proposta da pesquisa-ação nas etapas propostas: Diagnóstico, ação, avaliação e reflexão. (RODRIGUES, 2013)

Para este texto, buscamos lançar mão de alguns dados da pesquisa relacionados à cultura musical brasileira para assim discuti-los à luz dos teóricos Duarte (2010) e Carl Orff (1982) bem como dialogaremos com alguns teóricos da sociologia e da antropologia cultural com base na educação, pois Gainza

....opina que existe um comportamento básico da música por trás da diversidade de objetos, práticas, atitudes e efeitos com que rotulamos a música e a experiência musical. Neste comportamento básico reside a experiência musical universal. (GAINZA, 1990, p.80)

De acordo com a citação acima compreendemos que a música é uma experiência universal e por tanto extremamente diversificada. No que diz respeito ao sentido e importância da música na escola, a discussão apresentada neste texto é parte das reflexões obtidas durante a investigação. Entendemos que a arte é extremamente importante na educação e, em nosso enfoque, a música, pois ela está ao nosso redor, nos envolvendo todos os dias e é intrínseca ao ser humano.

De acordo com Duarte (2010), o aprendizado humano não está vinculado somente ao uso das suas necessidades físicas ou de sobrevivência como nos experimentos com animais, pois somos dotados de algo que nos diferencia dos animais que segue seu instinto para sobreviver. Nós possuímos dimensões simbólicas, a palavra e a fala para nos comunicar. No mundo animal irracional o sentido da palavra não existe. O homem é o único ser que consegue transcender de seu corpo físico e colocar ordem ao sentido da palavra, conseguindo identificar sons e imagens com o pensamento. O homem planeja, constrói e realiza coisas não só para sua sobrevivência, mas também o faz por prazer, por satisfação pessoal e com arte. Tem consciência do seu passado, presente e futuro, ordenando suas ideias enquanto que, para o animal irracional, só existe o presente e, como bem cita o autor, a diferença entre homem e o animal é a consciência reflexiva, simbólica, pois nós conseguimos dar sentido à palavra.

Ao ordenarmos o sentido da palavra também construímos um mundo ordenado e evitamos o caos e a desordem relacionando o que vemos com ações que produzimos, dando significado ao sentido de viver propriamente dito, o que não acontece com o animal irracional que usa seus sentidos somente para a sobrevivência de sua espécie, biologicamente falando. Para nós, seres humanos, a vida tem que fazer sentido e não apenas sobreviver. O autor, ao escrever seu texto expressa um pouco do que lhe faz sentido no momento que escreve e o que faz sentido para mim, neste momento, que estou envolvida numa pesquisa-ação observando os alunos envolvidos em ações multiculturais, aprendendo sobre música, educação e diversidade, buscando na melodia e no ritmo da sua música regional, um sentimento único vivenciado de aula, onde se tenta dar sentido a música como manifestação humana. Registro aqui, concordando com Duarte que a vida não é só física, mas existem sensações e experiências que nos permite explicá-las com palavras, como fazemos agora, nomeando essas sensações e, assim, caminhando nomeando e dando conceitos para nossas experiências, atitudes e objetos.

O instinto de sobrevivência do animal irracional não lhe dá condição de aprendizado simbólico e não existirá a capacidade dele ensinar a outro de sua espécie o que aprendeu, o que podemos afirmar que o animal foi adestrado e o homem foi ensinado, mas, o que nos foi ensinado sem nenhum sentido, torna-se banal e não há o aprendizado propriamente dito. Aprender não é adestrar e vice-versa.

Revista de Administração Educacional, Recife, V. 1 . Nº 1 . jan./jun 2016 p.155-171

A escola de hoje, segundo o autor, está mais para o adestramento do que para o aprendizado. Estamos dentro da “caixa de Skinner”. Segundo Dewey (1952), a educação tem representatividade e vínculo com o que vivenciamos desde o nosso nascimento através dos códigos linguísticos da comunidade em que nos encontramos e, ao longo da nossa existência, vamos dando sentido às coisas conforme nosso grupo social e vamos aprendendo a “sermos humanos”, realizando a socialização. Segundo François Guizot (1787), a música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e por isso deve fazer parte da educação do povo. A nossa “forma” de viver é que nos rotula se somos brasileiros, portugueses, africanos, franceses, etc. Somos de diferentes culturas e, cada um de nós, ainda está inserido em um contexto social diferente e em diferentes lugares do planeta, acreditamos que a escola deve contemplar e refletir essa diversidade no processo de educação e formação do aluno.

1. Possibilidades de ações na educação musical na EREM Don Viera

Nas últimas décadas tem-se presenciado a profunda modificação no pensamento, na vida, no gosto dos jovens. Com o advento de novos paradigmas perceptivos, novas relações tempo e espaço, múltiplos interesses, poderes, modos tecnológicos de comunicação, verificam-se as transformações mais variadas que se processam simultaneamente, trazendo outras relações entre os jovens, os equipamentos eletrônicos e os sons. O ritmo de pulsação excitante e envolvente da música é um dos elementos formadores de vários grupos que se distinguem pelas roupas que vestem, pelo comportamento que os identificam e pelos estilos musicais de sua preferência: rock, tecno, dance, reggae, pagode, rap, entre tantos outros. Junto a essas mudanças ocorrem outras, o que faz com que muitos se perguntem: como são os hábitos musicais dos adolescente e jovem? Como está se formando o gosto musical do adolescente/jovem? Muitas vezes o som que ele ouve está associado ao volume intenso, a fatos de sua vida. Dependendo das condições econômicas ele compra, grava, regrava ou empresta CDs, ouve bastante músicas que baixam da internet, numa busca de escuta musical constante, fazendo do “som” um companheiro cotidiano, sendo comum cantar e/ou dançar ao

escutá-lo. Em nosso país, a maioria dos jovens não toca um instrumento musical, mas gostaria de fazê-lo, diz que “não tem voz”, mas gostaria muito de “saber cantar direito”.

E assim, junto aos amigos, comentando, discutindo e apreciando inúmeras músicas, vai se formando o gosto musical do adolescente. Acompanhando os sucessos musicais, assistindo a videoclipes, escolhendo programas específicos na internet, rádio ou televisão, escutando CDs, celulares, *tablets* e etc., envolve-se na rede das mídias. Ele é o grande receptor das músicas da moda. E como a escola lida com essas pessoas, seus alunos? É necessário procurar e repensar caminhos que nos ajudem a desenvolver uma educação musical que considere o mundo contemporâneo em suas características e possibilidades culturais. Uma educação musical que parta do conhecimento e das experiências que o jovem traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural e que saiba contribuir para a educação e humanização de seus alunos.

Diante da realidade da escola Don Vieira, questionamos, o que fazer então?. Decidimos fazer uma escuta entre os alunos do grupo focal, para fazer um levantamento do que poderíamos realizar em nossos encontros de intervenção, e o que poderíamos desenvolver como atividade para a culminância do projeto de pesquisa. Este momento foi acompanhado com a professora de artes. Destaco o importante ato de ouvir os alunos, seus interesses e gosto musical, para poder extrair deles o que pedagogicamente poderia desenvolver. E fazer daqueles momentos de pesquisa um ato de experiência musical universal, bem recheado de práticas diversas em musicalidade. No ato desta escuta, registrei a fala dos alunos no caderno de registros da pesquisa (CRP). Segue a fala dos alunos (A) e (B).

Professora, poderíamos fazer uma oficina de dança, pois aí a gente ia somar duas artes música e dança ao mesmo tempo. Aluno A. (CRP, p. 03)

É legal. E nessa oficina a gente podia ver a música de diversos povos, sei lá...da África, da China etc. enfim estudar um pouco de musica do mundo todo, e também saber um pouco mais de nossos ritmos mesmos... tipo frevo, forró etc. Aluno B. (CRP, p. 04)

Na escuta desses alunos que compõem o grupo focal, um indicador foi revelado, o desejo de vivenciar atividade culturalmente diversificada. Houve um evidente desejo de fazer ações práticas nas aulas de arte, não apenas leitura sobre a arte. Então seguindo a proposta do Projeto Político Pedagógico da escola decidimos vivenciar ações práticas.

Destaca-se no momento um texto do Projeto Político Pedagógico da escola por entender sua importância dentro da pesquisa: Texto do PPP da Escola – Artes (p. 22)

Objetivos: Incentivar as habilidades práticas, artísticas e ampliar conhecimentos culturais e científicos relacionados à arte; Ampliar o conhecimento artístico e cultural das diversas linguagens da arte: música, arte visuais, dança, teatro.

Ação: Organizar exposições artísticas para explorar as habilidades e talentos existentes na escola; Organizar oficinas nas diversas linguagens da arte.

Metas: Melhorar a interdisciplinaridade para interligar outros eixos do conhecimento favorecendo o aperfeiçoamento das atividades e habilidades artísticas dos alunos; Aprimorar na atuação e no desenvolvimento relacionando as diversas linguagens da arte.

Mediante o registro acima, e ao ouvir as propostas do grupo focal planejamos algumas ações, aulas práticas, e conseqüentemente baseamos nosso projeto de intervenção nos teóricos escolhidos para dialogar neste momento com a realidade desta escola.

É claro que a música marca presença desde sempre nas escolas, se não nos currículos, certamente no cotidiano de alunos e professores. No entanto, o acesso à formação musical escolar enseja não só a fruição que esta expressão artística permite, mas uma ampliação das possibilidades existentes no campo da música para a formação dos estudantes (MENDONÇA, 2011, p.03).

Concordando com Mendonça, entendemos que há sim uma presença da música na escola. Porém não há essa presença de forma pedagógica e sistematicamente formalizada na escola pesquisada. Notamos nas observações apenas a presença de atividades com música nas aberturas de festividade como na abertura da Semana Santa, Natal, Feira de conhecimentos etc.

2. Dança - A expressão do corpo

Para atender o desejo do grupo focal convidamos a Profª Josilene Robrigue, para montar uma oficina de dança na escola. No dia da oficina foi trabalhado ritmos como forró, ciranda e frevo. Segundo Maria Montessori (1948): “... a tarefa do professor é preparar os alunos para atividades culturais, num ambiente previamente organizado, e depois se abster de interferir”.

A oficina teve a duração de quatro horas, foi trabalhada a parte histórica e prática de cada ritmo Pernambucano. O ritmo que foi mais focado e com ele montado uma apresentação foi o frevo. A professora convidada, juntamente com a professora de artes,

utilizou as informações do livro: Orquestra Nordestina, (PAULA, 2015), onde há o registro sonoro e histórico do frevo e demais ritmos. Também foram usadas as informações dos livros de Andrade (1995) e Cascudo (2012). (Imagem 1 – Oficina de frevo).



Os objetivos desta atividade eram: desenvolver a percepção da música com e sem a presença da voz, desenvolver a concentração e a expressão corporal de forma livre e trabalhar a multiculturalidade. Os alunos demonstraram euforia ao se movimentar expressando o caráter alegre e contagiante do som que escutavam. Como ressalta Fonterrada:

O corpo expressa a música, mas também transforma-se em ouvido, transmutando-se na própria música. No momento em que isso ocorre, música e movimento deixam de ser entidades diversas e separadas, passando a constituir, em sua integração com o homem, uma unidade. (FONTERRADA, 2005, p. 120).

Dessa forma os alunos reproduziam por meio de expressões corporais conscientes ou não aquilo que escutavam e utilizavam-se do próprio corpo para exteriorizar essa percepção. Independentemente do seu papel dentro da sociedade, a música exerce forte atração sobre os seres humanos, fazendo mesmo que de forma inconsciente que nos relacionemos com ela. As crianças quando brincam ou interagem com o universo sonoro, acabam descobrindo mesmo que de maneira simples, formas diferentes de se fazer música. De acordo com Joly:

A criança, o aluno, por meio da brincadeira, relaciona-se com o mundo que descobre a cada dia e é dessa forma que faz música: brincando. Sempre receptiva e curiosa, ela pesquisa materiais sonoros, inventa melodias e ouve com prazer a música de diferentes povos e lugares. (JOLY, 2003, p. 116).

Por meio das brincadeiras de explorar como: brincar com os objetos sonoros que estão ao seu alcance, experimentar as possibilidades da sua voz, o aluno começa a categorizar e a dar significado aos sons que antes estavam isolados, agrupando-os de forma que comecem a fazer sentido para eles, o frevo oportuniza uma saudável brincadeira com os pés e todo o corpo. Pensando na importância que essa experiência pode proporcionar para a turma, Maffioletti (2001) escreve que: “É isso que fará dela um ser humano capaz de compreender os sons de sua cultura [...]” (p. 130). Por meio desse contato com o frevo durante a oficina o aluno começa a desenvolver uma identidade com a música que está a sua volta. É por isso que ela assume significados diferenciados em cada cultura, pois segundo Penna (2008) devido à música ser:

[...] uma linguagem cultural, consideramos familiar aquele tipo de música que faz parte de nossa vivência; justamente porque o fazer parte de nossa vivência permite que nós nos familiarizemos com os seus princípios de organização sonora, o que torna uma música significativa para nós. (p. 21).

Reforçamos a importância dos alunos terem esse contato com uma linguagem cultural específica, e com o ensino da música nas escolas podemos contribuir para que esse processo ocorra. Torna-se importante para o aluno começar a se relacionar com a música ainda que seja no ambiente escolar, pois é nessa fase que ela constrói os saberes que irá utilizar para o resto de sua vida. Mas para isso é importante que eles consigam entendê-la. Gordon (2000) ressalta que: Através da música, os alunos aprendem a conhecer-se a si próprios, aos outros e à vida. E, o que é mais importante, através da música os alunos são mais capazes de desenvolver e sustentar a sua imaginação e criatividade. Dado que não se passa um dia sem que, de uma forma ou outra, os alunos não ouçam ou participem em música, é então mais vantajoso que a compreendam. Apenas então poderão aprender a apreciar, ouvir e participar na música que acham ser boa, e é através dessa percepção que a vida ganha mais sentido.

É importante que o aluno consiga compreender a música, dessa forma ele poderá estabelecer vínculos com os gêneros e estilos que mais tenham significado para si. Mas

como podemos trabalhar com o ensino musical com esses adolescentes? Entende-se que uma forma seria aproximando-os desse universo do aluno.

Em sua concepção, Carl Orff afirma que o processo de aprendizagem envolve cantar, **movimentar-se**, tocar instrumento, fazer improvisações e estimular a criação musical. Todos são participantes e não apenas ouvintes no fazer musical. O método Orff também conhecido por Schulwerk (que significa, trabalho ou tarefa escolar) teve origem em sua obra *Musik Fur Kinder* (Música para crianças), em 1930. A importância do uso do instrumental Orff oportuniza ao aluno criança executar ritmos, melodias, compreender a forma musical, experimentar a música contemporânea, utilizar técnicas de composição e usar a leitura da notação musical tradicional. Todas essas atividades são direcionadas de acordo com o desenvolvimento musical do aluno.

Ainda na perspectiva de Carl Orff, e no desejo dos alunos do grupo focal em conhecer novas músicas, ritmos, bem como respaldada no PPP da escola onde registra os objetivos da disciplina de artes. “Incentivar as habilidades práticas, artísticas e ampliar conhecimentos culturais.” PPP-Artes (p. 22). E ainda em conformidade com a lei 11.769/2008 que trata da obrigatoriedade do ensino da música nas escolas, realizamos a oficina de dança e outras ações no espaço escolar. No contexto sócio-cultural desta escola, sabe-se da força que o Maracatu Rural tem na cidade de Nazaré da Mata, cidade chamada Berço do Maracatu. Porém, no momento da fala dos alunos eles queriam aprender e experimentar coisas novas, novos ritmos e músicas. Justifica-se a formação da oficina de dança, pois atende a demanda da curiosidade e da diversidade que a música pode proporcionar dentro do espaço escolar.

Anne-Marie Green (1987, p. 88) escreve que a presença da música em nossa vida cotidiana é tão importante que podemos considerá-la como um fato social a ser estudado. Penso que já escutamos frases semelhantes, nos acostumamos com a ideia de que a música é importante na vida das pessoas. Mas talvez ainda é preciso dizer alguma coisa sobre o que faria a música ser um fato social? O que é o social nesse caso? Segundo a autora, se o sociólogo pretender estudar o fato musical, ele deverá considerar a música como uma comunicação sensorial, simbólica e afetiva que pode, muitas vezes, estar subjacente à nossa consciência (GREEN, 1987, p. 91). Aqui aparece claramente um **Revista de Administração Educacional, Recife, V. 1 . Nº 1 . jan./jun 2016 p.155-171**

aspecto a que nos chama a atenção. A música ainda aparece como um objeto que pode ser tratado descontextualizado de sua produção sociocultural. Nos discursos e nas práticas ainda temos dificuldades de incluir os ensinamentos das recentes pesquisas da área de musicologia, etnomusicologia e mesmo da educação musical.

Para entender melhor como funciona essa música como fator social na vida dos alunos nos questionamos o que realmente os alunos gostariam de ouvir ou produzir na escola. Atividades diversas foram observadas na escola para tentar entender se a música é a atividade mais procurada ou não, e se de fato ela favorece ou influencia na formação geral do aluno, na construção do sujeito, ou seja, na sua formação integral.

Ainda na escuta dos alunos, com relação aos demais componentes da disciplina de artes chegamos a criação deste quadro:

Quadro 1: Quadro criada para demonstrar a preferência dos alunos na EREM Don Vieira

ATIVIDADES ARTÍSTICAS QUE OS ALUNOS GOSTARIAM QUE HOUVESSE NA ESCOLA			
A1. MÚSICA	A2. DANÇA	A3. TEATRO	A4. ARTES VISUAIS
42,9 %	34,3 %	14,2 %	8,6 %
Coral, paródia, banda marcial, grupo de percussão-cultural.	Capoeira, Maracatu, Frevo	Grupo de artes cênicas	Exposição de trabalhos realizados por alunos/pintura/ modelagem/ maquetes

Outro indicador revelado na pesquisa foi a respeito do gosto dos alunos pela música. Em diálogos isolados, observações e registro de suas falas descobrimos que os alunos que formam o grupo focal, formam um grupo que ouve bastante música e que o seu repertório também é variado, dos 35 alunos que formam o grupo focal 57,1% responderam que sempre ouvem música, 42,9%, afirmaram ouvir música às vezes e 0%, disseram nunca. Quanto à preferência musical: 57,1% ouvem pop nacional e MPB, 32% Funk e Brega, 5,7 % gospel, e 14,2% gostam de ouvir música de cultura Popular (Maracatu, forró, frevo, xote etc.). Apesar de os 35 alunos (100 %) se mostrarem fruidores de música na escola, a pesquisa demonstrou que não havia projetos de música em andamento e que apenas o que havia era a participação ou apresentação de alguns alunos nas festividades da escola, ou seja, a música não é oportunizada para “todos”, como é prevista na lei 11.769/2008. Notamos que mesmo a professora de artes

conhecendo a importância da música no cotidiano do sujeito, não tinha condições de desenvolver um projeto com música, pois a mesma é licenciada em História e evidentemente por questões epistemológicas ela não se sente apta a dar aula de música, então, resume sua ação apenas a leitura e pesquisa sobre compositores.

Normalmente na discussão sobre música se tende a ignorar a exposição da importância da mesma para os alunos envolvidos, quando se trata da música como um fator social, cuidando apenas dos detalhes da superfície, e por isso se tornam maquiagens de reformulações curriculares, conteudista ou apenas realizada em atividades excepcionais. No entanto, acreditamos que o nível de compreensão dos valores é o único que pode garantir mudanças estruturais. Considerar a música como uma comunicação sensorial, simbólica e afetiva, e por tanto social, geralmente desencadeia a convicção de que nossos alunos podem expor e assumir suas experiências musicais e que nós podemos dialogar sobre elas.

No entanto, a observação cotidiana vai nos convencendo de que existe uma distância entre as práticas e mentalidades correntes da área e uma situação de internalização desse princípio. Agimos constantemente como se nossos alunos nada soubessem sobre música, buscamos ensiná-los continuamente, mal permitindo que expressem interesses musicais diferentes às vezes até dos nossos. O que aconteceria se colocássemos esse interesse dos alunos em um verdadeiro partilhamento de experiências musicais? Que traduzisse os desejos deles em nosso caso uma turma de adolescentes? A consequência mais óbvia e necessária dessa direção é que teríamos alunos mais envolvidos com a produção do conhecimento uma vez que eles querem o fazer, isso se lhes é prazeroso.

Acreditamos numa relação dinâmica entre cultura, música, educação, vida e estética, e a música como práxis social. Como o resultante da ação consciente do sujeito consigo, com os outros e com o mundo. (FREIRE, 1996). O “fenômeno musical”, como ordenador social, permite conhecer de modo mais integral os aprendizes e parte das suas referências de vida. Lidar com a diversidade social e cultural dos nossos alunos significa muito mais do que cantar uma melodia, ou tocar um instrumento; significa compreender que se está lidando com sentidos de realidade, com identidades sociais e culturais que não

são fechadas ou estáticas, mas precisam ser compreendidas e respeitadas no âmbito da escola.

Entendemos que o objetivo último do ensino de arte na educação básica, aí incluída a música, é ampliar o alcance e a qualidade da experiência artística dos alunos, contribuindo para uma participação mais ampla e significativa na cultura socialmente produzida ou, melhor dizendo, *nas culturas*, para lembrar sempre a diversidade que também foi trabalhada durante esta pesquisa-ação. O efeito de um ensino que realmente cumpra esse objetivo vai além dos muros da escola, modificando o modo de o indivíduo se relacionar com a música e a arte no geral.

Para que o ensino da música possa de fato contribuir para essa ampliação da experiência cultural, deve partir da vivência do aluno e promover o diálogo com as múltiplas formas de manifestação artística cultural. E o respeito ao multiculturalismo nos traz indicações para a realização de um ensino musical de qualidade. Registramos ainda o que nos diz o PCNs-Artes:

...à escola básica, não cabe o papel de formar o músico – assim como não cabe o papel de formar o matemático, o historiador, o linguista etc. mas de introduzir os estudantes na musicalização, construindo conhecimento, sensibilizando-os, possibilitando o desenvolvimento de competências que os motivem a romper com pensamentos prefixados e que, na condição de ser pensante, reflitam e estabeleçam relações entre obras musicais de seus gostos, de sua e de outras culturas. Enfim, a Educação Musical deve empenhar-se em desenvolver a musicalidade do educando, tendo como foco uma nova cultura musical (BRASIL, 2013, p. 30)

Observando o registro acima, notamos a importância do papel da escola na formação do indivíduo, bem como a valorização do ensino da música dentro dela. Nesse sentido, é significativo lembrar que essa perspectiva de ensino de música situa-se numa abordagem sociocultural da educação musical, que revela a importância de se considerar as músicas das diferentes culturas, inclusive da escola e de seu entorno, e o trabalho com essas músicas, como possibilidades diferenciadas de organização sonora e de meios de ampliação de experiência e discurso musicais dos estudantes.

Reflexões finais:

Finalizamos este trabalho sugerindo ações concretas e convidando o leitor a refletir sobre a música em sua vida e a se apropriar deste estudo para interpretá-lo segundo sua própria experiência. Optamos por dividir nossa fala final nas seguintes dimensões: 1ª Dimensão da gestão; 2ª Dimensão de infraestrutura; 3ª Dimensão da prática pedagógica.

Dimensão da gestão: Iniciamos lembrando, mas afinal, o que propõe a lei de ensino da música nas escolas em Pernambuco? Entende-se que por mais que sejam formuladas e pensadas as políticas educacionais para a escola, a sua efetivação depende da “mobilização” dos professores e gestores, enfim, de seus executores. Desse modo, refletir acerca do que tem sido formulado enquanto política educacional é uma das tarefas dos profissionais da educação e o modo como irão organizar os processos de implementação de ações locais, compete aos gestores e educadores. Entende-se que compete ao gestor inscrever a escola nos programas que a ajudarão a manter atividades artísticas e culturais no espaço escolar.

No processo desta pesquisa, observamos que há uma luta no interior da escola pra compreender o lugar e o valor da arte (música), que por vezes é vista apenas como diversão. Acreditamos que promover o movimento da mudança na escola por meio da formação dos professores seria uma alternativa bem apropriada para melhorar esse quadro na citada escola. Sugerimos curso de formação continuada para docentes com foco na educação musical e cultural. Para o atendimento dessa demanda, também poderia ser previstos e criados tempos e espaços adequados ao ensino da música na escola. Como exemplo, sugere-se que sejam previstos no projeto político-pedagógico (PPP), tempos para que a formação continuada ocorra na própria escola, se possível dentro da jornada de trabalho do professor.

Dimensão da infraestrutura: Há um grande desconforto na fala dos alunos e professores no que concerne a estrutura física das salas de aula, a falta de instrumentos de qualidade e recursos pedagógicos bem como material didático específico para o ensino da música o que leva aparentemente a um fazer musical desordenado que possivelmente não trará resultados de qualidade. Na citada escola não havia uma sala apropriada para as aulas de arte-música, nem material específico. No âmbito geral se faz necessário também, que sejam destinados espaços afins para o desenvolvimento das atividades relacionadas

ao ensino com a música, carecendo haver adequação do projeto arquitetônicos de construção/ampliação/reforma do prédio escolar além da aquisição de equipamentos musicais diversos (não só instrumentos), e em qualidade e quantidade suficiente para o atendimento condigno dos estudantes.

Vemos que as atividades do ensino da Música nessa escola podem ser realizadas com êxito por meio da formação de grupos instrumentais, do ensino de diferentes cantos, ritmos, das noções básicas de música, dos cantos cívicos nacionais e dos sons de instrumentos de percussão, ou reativação da banda marcial, do ensino das danças e sons de instrumentos regionais e folclóricos, visando valorizar e promover a diversidade cultural brasileira. Por meio dessas atividades, pretende-se promover vivências musicais variadas, articulando-as às experiências musicais cotidianas dos estudantes, próprias da sua cultura.

Dimensão da Prática pedagógica: Observou-se ainda, no espaço da escola, a ausência de professores com licenciatura específica em música, ou mesmo com formação para o ensino da arte, o que gera um problema, sobretudo quanto a epistemologia do ensino da música. No que diz respeito às mudanças que a experiência da pesquisa-ação trouxe para a vida dos alunos e para a escola que terminou se envolvendo no ato da culminância, foi outro aspecto positivo a ser registrado.

A pesquisa sinaliza ainda que as atividades artísticas desenvolvidas no período da intervenção trouxeram contribuições humanísticas e pedagógicas para a formação dos alunos, e até mesmo da professora que evidenciou sua alegria em suas aulas com o desenrolar do projeto e este fato aponta para a necessidade de uma educação que valorize o desenvolvimento pleno do ser humano, que perceba que os saberes sensíveis não se encontram apartados dos saberes inteligíveis, o que demanda, segundo Duarte Jr. (2010), uma compreensão de educação como um processo formativo do humano. Para Duarte, a educação possibilita ao homem desenvolver sentidos e significados que orientam a sua ação no mundo. Ainda, a educação transcende os muros da escola para o contexto cultural onde se está ao redor dela.

Faz-se necessário salientar a importância do grupo focal nesse processo. Podemos ressaltar a importância de ter um ouvido aguçado as suas falas e escolhas, a influência nas decisões, o respeito, a amizade, a união do grupo e o aprendizado de compartilhar o

mesmo espaço. Verificamos assim, a necessidade do ser humano de se relacionar com os outros, pois sua aprendizagem acontece por meio dessas trocas sociais. Como podemos verificar em Joly:

No processo de reflexão-na-ação, uma outra concepção sobre o conhecimento e sobre o ensino advém daqueles professores que deram razão ao aluno. Nesse caso, trata-se de professores curiosos, que prestam atenção ao seu grupo de alunos, ouvem cada um deles, surpreendem-se e atuam de acordo com as particularidades de cada um. É aquele professor que se esforça para ir ao encontro do aluno, para entender o processo de conhecimento. (JOLY, 3003, p. 121).

A presença do movimento (Dança) e da apreciação de um repertório variado para a formação musical dos alunos também é fundamental, pois proporciona um ganho no desenvolvimento deles, por trabalhar com diversos estilos. Aspectos como cognição, criatividade e expressão podem se desenvolver nessa prática. A partir da ida a escola Don Vieira, nesta pesquisa-ação, foi possível chegar a essas considerações, que irão concluir provisoriamente o trabalho. O sentido de provisório aqui empregado, destaca um momento em que se encontra o pesquisador e as escolhas feitas ao longo deste processo, ficando aqui a sugestão que estes dados sejam (re)analisados a sombra de outros olhares e referenciais. Vale destacar que esta pesquisa é o olhar de uma educadora/pesquisadora a luz de um referencial teórico escolhido entre tantos outros.

É importante tanto para a área de Educação Musical quanto para a área de Educação que outras pesquisas sejam realizadas para aprofundar a discussão e os diversos pontos de vista que podem ser pesquisados sobre a temática levantada nesse trabalho, que versa sobre o ensino da música nas escolas públicas em Pernambuco focando na dinâmica existente entre cultura, música e educação.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Mário de. Música do Brasil. Curitiba: Guaíra, 1941.

_____. Ensaio sobre a música brasileira. São Paulo: Livraria Martins, 1962.

_____, Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. Lei 11.769/2008, de 18 de Agosto de 2008. Brasília: Diário Oficial da União, ano CXLV, n. 159, de 19/08/2008, Seção 1, p.1.

CASCUDO, L. Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Global, 2012.

DEEY, J. Biografia. Consulta em https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Dewey, em 22/04/2016

DUARTE, J. F. Fundamentos Estéticos da Educação. 8ª. ed. Campinas: Papirus Editora, 2005. 150p .

DUARTE, J. F. O sentido dos sentidos: A Educação (do) Sensível. 5ª Ed. Curitiba: Criar Edições, v. 01, 2010

FONTEERRADA, Marisa T. O. De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação. UNESP, São Paulo: 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAINZA, V. H. A improvisação musical como técnica pedagógica. In: Cadernos de Estudo: Educação Musical nº 1 (Org. Carlos Kater). Atravez, p.22-30. São Paulo, 1990

GORDON, Edwin E. Teoria de Aprendizagem Musical – Competências, Conteúdos e Padrões. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GREEN, Anne-Marie. Les comportements musicaux des adolescentes. Inharmoniques “Musiques, Identités”, v. 2, p. 88-102, ai 1987

JOLY, Ilza, Zenker, Leme. Educação e educação musical: conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música. In:____. HENTSCHKE, L; DEL BEN, L. (Orgs.). Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Ed. Moderna, 2003.

MAFFIOLETTI, L. Albuquerque. Práticas musicais na escola infantil. In:____. CRAIDY, C. KAERCHER, G. E. (Orgs.) Educação infantil – Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

MENDONÇA, C. Na feira de Itabaiana tem?. Itabaiana: InfoGraphics, 2011.

MONTESSORI, Maria. *Mente absorvente*. Rio de Janeiro, Portugália Editora (Brasil), S.d. 1948_____. *Pedagogia Científica: a descoberta da criança*. São Paulo, Flamboyant, 1965.

ORFF, Carl. Vida e obra - Homepage. Disponível em: <<http://www.orff-zentrum.de/index.asp>>. Acesso em 26 abril 2016

Revista de Administração Educacional, Recife, V. 1 . Nº 1 . jan./jun 2016 p.155-171

PAULA, M. M. C. Orquestra Nordestina: Uma abordagem histórica e sonora dos instrumentos e ritmos da região. Recife-PE, Funcultura, Flamar, 2015.

PENNA, M. Caminhos para conquista de espaços para a música na escola: uma discussão em aberto. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 19, p. 57-64, 2008

RODRIGUES, Luiz R; RICHARDSON, Roberto J. As etapas da pesquisa-ação no contexto da gestão escolar: O diagnóstico, a ação, a avaliação e a reflexão. In: Curso de Especialização em Gestão da Educação Pública. Módulo III, 2013

SKINNER: Consulta em 22/04/2016:

<http://www.uniriotec.br/~pimentel/disciplinas/ie2/infoeduc/aprbehaviorismoskinner.htm>

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. 7ª edição. Editora São Paulo: Cortez; 2011.